

A construção de epistemologias negras na literatura

Luiza de Araújo Farias¹

Recebido em setembro de 2023

Aceito em dezembro de 2023

RESUMO

A construção de contranarrativas é um tema constantemente abordado no desenvolvimento de epistemologias negras, em resposta às tentativas de apagamento sistemático da memória e cultura negra. É um processo de ruptura com o discurso colonial, e consequentemente, com as imagens de controle (COLLINS, 2019). Construção essa que se desenvolve de distintas formas, sendo a literatura uma delas, através da formulação de novas histórias, de releituras que possibilitam o protagonismo dos sujeitos negros e que rompem com a história única (ADICHIE, 2019). Com isso, busca-se neste trabalho investigar como a questão das contranarrativas são postas em livros de ficção, analisando como as personagens e os mundos em que circundam reverbera na construção de uma memória negra (GONZALEZ, 2020). O artigo também se preocupa em entender como isso reflete em um movimento de luta. Essa análise é realizada com base em dois livros de ficção: *Kindred: Laços de Sangue* (2019), da autora Octavia Butler e *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem* (2022), de Maryse Condé.

Palavras-chave: contranarrativas; memória negra; literatura

The construction of black epistemology in literature

ABSTRACT

The construction of a counter narrative is a topic that is constantly approached in the development of black epistemologies, in response to the effort to systematically erase black memory and culture. It is a rupture process with the colonial discourse, and consequently, with the controlling images (COLLINS, 2019). This action develops in different forms, literature being one of them, through the construction of new narratives, reinterpretations that enable the protagonism of black people being part, and that break with the single story (ADICHIE, 2019). Therefore, this work seeks to investigate how the formulation of a counter narrative is placed in fiction books, analyzing how the characters and the words they are placed in reverberates the composing of a black memory (GONZALEZ, 2020) and how this reflects on a movement of confrontation. This analysis is based on two fiction books: *Kindred* (2019) by Octavia Butler and *I, Tituba: Black Witch of Salem* (2022), by Maryse Condé.

Key-words: counter narrative; black memory; literature

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Integrante do Nuhumar-Núcleo de Estudos Humanidades, Mares e Rios e do Podcast Vozes da Pesca Artesanal. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3950-9132> E-mail: luiza.adfarias@gmail.com.

A exclusão sistemática na literatura

O sistema literário vem sendo debatido fortemente há anos a partir de um olhar crítico sobre como, mais especificamente, as humanidades e o âmbito do discurso acadêmico excluem autores e autoras negras. Partimos da constatação da exclusão sistemática de autores dentro da academia (KILOMBA, 2019; SILVA, 2021) como também do meio editorial. Zora Neale Hurston (2019), Fanon (2020), Hartman (2020) abordaram essas questões, criticando o racismo presente no sistema literário e a manutenção de estereótipos negativos. Hurston (2019) discorre, em seu trabalho, sobre como os textos e livros publicados que possuem personagens negros se mantêm dentro de uma imagem do negro como “pitoresco” e “excepcional”, sendo sempre visto e posto como o outro. O negro é mantido no lugar de objeto e nunca de sujeito da história; e, como Fanon (2020) aborda, a história construída pelos brancos coloca o negro e sua humanidade em questão. Tendo em vista o forte papel que a literatura possui para os colonizadores, como um meio de reafirmação da ideologia e da disseminação de sua história (DIAS, 2008) para a legitimação de seus poderes. Ou seja, a literatura pode ser usada como um meio de manutenção do poder, pois, a partir da escrita, cria-se e perpetua-se um discurso de poder – no caso, um discurso colonial. Para além da exclusão sistemática de autores e personagens negros, sua inclusão comumente se encontra inserida em imagens estereotipadas que as associavam, em sua maioria, ao animal, ao selvagem. Essa é uma forma de manutenção das narrativas hegemônicas que reverberam a dominação colonial.

Saidiya Hartman (2020) aborda como o processo de documentação também é permeado por violências que atravessam séculos, e a necessidade da recuperação das lacunas e apagamentos históricos acerca das populações negras. Mas, ao mesmo tempo, surge o questionamento de como o movimento de recuperação pode ser realizado sem perpetuar o processo de violência ou mesmo de negar a violência que os corpos negros sofreram no passado. Hartman faz uso da fabulação como um meio de recuperação, como uma forma de construção de novas narrativas. Essa fabulação não é totalmente

fictícia, mas busca, em seu processo formular, uma memória coletiva daqueles que foram condenados à morte e tiveram a humanidade negada (HARTMAN, 2020).

A literatura adentra esse diálogo a partir da possibilidade de abertura para a construção de novas narrativas, em que:

[...] uma História do presente luta para iluminar a intimidade da nossa experiência com as vidas dos mortos, para escrever nosso agora enquanto ele é interrompido por esse passado e para imaginar um estado livre, não como o tempo antes do cativeiro ou da escravidão, mas como o antecipado futuro dessa escrita (HARTMAN, 2020, p. 17).

Podendo ser vista como um movimento de luta a partir da compreensão de seu caráter de desconstrução e construção de novas formulações, essa é uma possibilidade de construir a partir da desconstrução do estereótipo. O discurso torna-se uma narrativa ficcional, em que o passado e presente se encontram para refletir, questionar e construir a memória negra.

O rompimento com tais imagens de controle (COLLINS, 2019) e a quebra da manutenção de uma única forma de contar a história é um processo que ocorre há anos com o debate sobre o fortalecimento e disseminação de epistemologias negras – um pensamento negro a partir do conhecimento e experiências das pessoas negras (SILVA, 2021), pois:

[...] vivemos em uma sociedade em que por muitos anos ouvimos histórias únicas narradas pelo homem ocidental branco, e rotuladas como verdadeiras e definitivas. Essas histórias apresentam em seus conteúdos conflitos culturais, raciais contra minorias que sejam os escravos, os índios, mulheres, com o propósito de descredibilizá-los enquanto se privilegia a branquitude (SANTANA, 2022, p.2).

As epistemologias negras partem de um caminho de desconstrução da história única narrada pelos opressores. É um processo necessário e fundamental que ocorre há anos, de distintas formas. Contudo, nas últimas décadas, esse movimento vem tomando espaço em diferentes áreas – e a literatura é uma delas. Autoras como Ana Maria Gonçalves, Chimamanda Ngozi Adichie, Maryse Condé, N. K. Jemisin, Octavia Butler, Tracy Deann, entre tantas outras, vêm recebendo maior reconhecimento com suas obras. Essas autoras possuem estilos literários completamente diferentes, mas

convergem na quebra com a imagem colonial e a construção de uma memória negra. Como aborda Adichie (2019), é necessário romper com a história única, pois estas geram estereótipos e esses, em sua maioria, são uma versão simplificada de algo, criando assim uma narrativa hegemônica, acarretando em um discurso de consciência. Consciência essa, como aponta González (2020), tenta manter seu status de poder utilizando o discurso como ferramenta para sua dominação e disseminação de estereótipos, como ocorreu e ainda ocorre com a população negra, não restringindo-se ao mercado editorial.

A formação de memórias através da literatura

O processo de formação de uma memória negra vem tomando cada vez mais espaço nos livros – mais especificamente, nas obras de ficção, sendo elas romance, fantasia e ficção científica. Nesses espaços, autores negros e negras estão ocupando o mercado editorial, um direito tardio, mas que vem crescendo com uma leitura crítica da realidade e construção de mundos fictícios de memória, retirando toda a consciência que, nos termos de Gonzalez, significa:

[...] esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade que se estrutura como ficção. [...] a memória tem suas astúcias, seu jogo e cintura; por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. [...] a consciência faz de tudo para nossa história ser esquecida, tirada de cena (GONZALEZ, 2020, p. 78-79).

A tradição oral, por muitos anos, permaneceu circulando e fortificando a memória negra da qual temos conhecimento. Transcrevê-la em formato de texto, ou mesmo criar uma memória negra a partir da escrita é um processo importante de construção histórica. É uma contranarrativa sendo desenvolvida, combatendo a dominação colonial impregnada na literatura. É o rompimento com o discurso colonial, que disseminou ações discriminatórias, violências, apagamentos culturais, sociais de diversos grupos étnicos “sob uma lógica de inferiorização e desumanização” (ANDRIGHETTO, 2017 p. 13). Não significa um apagamento da história, e sim uma reescrita dos acontecimentos por meio da perspectiva do colonizado, daquele que, por

muitos anos, foi oprimido e até os dias de hoje sofre as consequências do processo colonial.

Um grande exemplo é a autora estadunidense Octavia Butler, que, na segunda metade do século XX, escreveu e publicou mais de dez livros, posicionando-se em um espaço predominantemente branco com sua crítica a esse desenvolvimento e a proposta de construção de uma memória negra. Sua escrita discute o afrofuturismo, em que pessoas negras ocupam espaços de direito e são colocadas em imagens de poder em histórias de fantasia, romance e ficção científica. O trabalho realizado por Butler reflete o rompimento com os discursos hegemônicos e é parte formante da construção de epistemologias negras – Isto é, “de um movimento de recuperação e inserção de discursos de memória que foram excluídos e inseri-los em seus lugares de direito” (SILVA, 2021, p. 105).

A partir disso, serão apresentados dois livros que trabalham com a formação de novas narrativas a partir de acontecimentos e pessoas reais, criando uma narrativa ficcional que possibilita dar voz e visibilidade a pessoas e comunidades por muitos anos excluídas e apagadas da história pensada como universal. A escolha de ambos os livros ocorreu porque ambas as autoras possuem uma longa carreira no meio editorial, e tiveram o reconhecimento tardio. Além de que suas obras divergem em categorias literárias, mas convergem ao buscarem denunciar, por meio de suas narrativas, o apagamento sistemático das culturas dos povos africanos e seus descendentes. Ao mesmo tempo, ambas realizam um trabalho de releitura e denúncia contra o discurso único.

Octavia e Condé através do rompimento com o discurso colonial

O romance de ficção científica *Kindred: Laços de Sangue* (2019), de Octavia Butler, possui uma narrativa que apresenta uma memória negra, que reflete e impulsiona a crítica fundada na quebra do imaginário das pessoas negras como subalternas e menos evoluídas. Há a construção de uma imagem do que foi a escravização pelos olhos, vivência e palavras de uma mulher negra viajando no tempo; quebrando o silêncio imposto. É válido pontuar que não se faz “apenas” mostrar sofrimento pelo sofrimento,

e sim questionar as “imagens de controle” (COLLINS, 2019) impostas às pessoas negras (principalmente às mulheres) e contradizê-las, criando uma nova narrativa, uma “contranarrativa” (HARTMAN, 2020) ou, nos termos de Gonzalez (2020), uma memória. Butler desenvolveu um romance de ficção científica que trata da viagem do tempo, não para o futuro e sim para o passado, para trabalhar o processo de memória e rompimento com o que tanto foi dito pelos colonizadores, pela história única. Além disso, há dois outros arcos complementares inseridos na narrativa, são eles: as experiências corporais sofridas pela personagem principal e a bíblia de sua família. É na bíblia da família, passada de geração em geração, que a personagem principal tem contato com os nomes de seus ancestrais, o que auxilia sua trajetória no passado, mesmo que não intencionalmente.

Isso mostra como a autora do livro toma a questão da memória como mais forte que a consciência (GONZALEZ, 2020), pois a bíblia é esse documento que prova a existência da família da personagem principal, Dana – é por meio desse livro que ela tem conhecimento e encontra seus ancestrais, e a história de sua família.

A lembrança de Dana da Bíblia de sua família é permeada de afeto, sendo o romance uma imersão na memória da família ficcional da protagonista, em sua genealogia. São os laços de sangue entre Dana e Rufus que fazem com que eles estejam imbricados nessa dança entre presente e passado (BORBA, 2021, p. 43).

Compreendendo, por meio da dor, da memória ancestral e da impossibilidade de mudança radical da realidade escravista do sul dos Estados Unidos, sua relação com o seu ancestral Rufus (filho de um escravista) é o ponto central da narrativa, pois a sua sobrevivência possibilita a existência da família da protagonista. Ou seja, por mais difícil que seja encarar a realidade de seus ancestrais, ela não pode mudar o passado e o desenvolvimento da sua família. Butler busca apresentar uma jornada de viagem no tempo para o passado, em que a personagem principal, uma mulher negra, vai desenvolvendo uma voz e uma memória negra.

Essa memória reflete simbolicamente e fisicamente os ocorridos com a personagem principal, haja vista que a autora do livro está constantemente trabalhando com os estereótipos do discurso colonial, mas ao mesmo tempo questionando-os e

pondo em questão uma nova narrativa que rompe com o discurso hegemônico. Nesse sentido, racismo é um tópico central no processo de viagem ao presente e ao passado ao indagar sobre a permanência de uma imagem negativa acerca da população negra. A seguinte passagem do livro, um diálogo entre a protagonista e seu marido, um homem branco, retrata esse ponto:

- Me surpreende que haja tão pouco a ser visto. Weylin parece não prestar muita atenção ao que seus escravos fazem, mas o trabalho é feito.
- Você pensa que ele não presta atenção. Ninguém te chama para ver as chicotadas.
- Quantas surras?
- Só vi uma. E já foi demais!
- Uma é demais, sim, mas ainda assim, este lugar não é o que eu teria imaginado. Não tem feitor. Não tem mais trabalho do que as pessoas conseguem fazer.
- ... não tem moradia decente – interrompi. – Tem chão imundo no qual dormir, comida tão inadequada que todos estariam doentes se não cultivassem hortas no tempo que deveria ser de descanso e se não roubassem coisas da cozinha quando Sarah deixa. E eles não têm direitos, mas têm a possibilidade de serem maltratados ou vendidos e retirados de suas famílias por qualquer motivo... ou sem motivo. Kevin, você não precisa bater nas pessoas para tratá-las com brutalidade. (BUTLER, 2017, p. 162).

Como os acontecimentos que ocorreram no passado podem ser comparados com as ações do seu presente. Butler mostra como o racismo não é culpa da população negra, como alguns colocam, e sim um processo histórico que do período da escravização dessas populações e que se perpetuou no período pós abolição. Ao mesmo tempo, o texto possibilita a constatação de que esse sistema não está apenas conectado com a violência física sofrida pelas pessoas escravizadas, e sim em todo o discurso colonial, criado com o propósito de justificar as ações e inferiorizar e desumanizar essas pessoas. A linguagem e a escrita como formas de violência. Sendo assim, Butler aborda a memória como um aspecto importante para com a quebra da construção desse imaginário distorcido e falso montado pelo colonialismo ao longo dos anos e da história acerca da população negra.

Mas, como pontua Borba (2021), a autora do livro explora de forma ainda mais profunda como esse discurso colonial e suas consequências e ações refletiram na população negra escravizada – e como esse arranjo está representado, consequentemente, na personagem principal, Dana. Pois ao viajar para o passado, ela

experiência com seu corpo e vivência todas as violências e consequências de ser uma pessoa negra no período escravocrata dos Estados Unidos.

A expectativa da violência sobre o corpo negro e feminino de Dana mantém o leitor apreensivo, e ainda é simbólica: quantas pessoas negras escravizadas fugiram de seus captores incólumes e ilesos? O braço que ela sacrificou não parece quase nada quando comparamos com o que a esperava, principalmente quando lembramos que ela preferia a morte a continuar como escrava. Aos personagens brancos, no imaginário das narrativas especulativas, é dado o privilégio de voltar ilesos de uma viagem no tempo; aos personagens negros, resta o sacrifício. Mais simbólico pensar que ao perder o braço, seu ofício se torna um pouco mais difícil: ainda que tenha tanto para falar, tanta memória para guardar, como fazê-lo? (BORBA, 2021, p.88).

Dessa forma, *Kindred: Laços de Sangue* (2019) é uma obra que subverte e constrói uma contramemória sobre as vivências atuais e do passado da população negra, rebatendo os estereótipos e a imagem/imaginário criado pelos brancos. Temos uma personagem negra que constrói uma contramemória à supremacia branca institucionalizada, pois é por meio da tomada de posição, ao subverter a lógica imposta pelo branco – que tinha poder para contar e construir a consciência – a personagem principal toma suas decisões e age de acordo com seus ideias. Dessa forma, Dana conta sua história e daqueles ao seu redor possibilitando uma autorrecuperação política (HOOKS, 2019).

Outra autora muito importante para esse movimento de releitura e formação de novas narrativas é Maryse Condé, feminista, caribenha e doutora em literatura comparada. Condé possui muitos livros publicados, porém o reconhecimento de seu trabalho foi tardio, ocorrendo apenas no final dos anos 2010. Felizmente, a autora pode vivenciar o crescimento e expansão mundial de suas obras. Seu livro *Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salem* (2022), trabalha a formação de uma história para dar voz a pessoas marginalizadas. Na edição brasileira, o livro possui o prefácio escrito por Conceição Evaristo. livro é apresentado por ela como:

A memória da escravização vivida pelos povos africanos diversas vezes é conclamada pela personagem, na medição dos sofrimentos pelos quais ela passa no presente. Barbados, como metonímia da África, lugar distante, é retomado pela memória nas terras em que Tituba se encontrava isolada. A personagem, sujeito da diáspora, avaliava as dores do presente em consonância com as dores de seu povo no passado e concluía que: “o sofrimento e a humilhação tinham

plantado seu império. A vil esquadra de navios negreiros continuava fazendo girar a roda da miséria. Quebre, moinho, com a cana, ante meus braços e que meu sangue tinja seu doce sumo! (EVARISTO, 2022, p. 10).

Condé constrói uma memória sobre o momento histórico no qual Tituba viveu, desenvolvendo não apenas uma narrativa para essa mulher excluída e apagada propositalmente da história, mas também faz uso de suas palavras para construir um trabalho poético, delicado e atencioso sobre a imagem da mulher negra, ressignificando a consciência por meio da memória. Ou seja, uma memória sobre a imagem, os desejos, e o ser uma mulher negra, ainda que nas condições do século XVII. Desenvolvendo uma narrativa a partir da lacuna na história sobre Tituba, é negada e excluída enquanto vítima do momento histórico da “caça às bruxas” em Salem. Com isso, a autora dá um novo significado tanto para a sua exclusão, assim como apontando para o racismo com a população negra e com as religiões de matriz africana. Isso se expressa de forma objetiva na seguinte passagem do livro:

[...] mencionariam aqui e ali “uma escrava originária das Antilhas, praticante de hoodoo”. Não se incomodariam nem com minha idade nem com minha personalidade. Eles me ignorariam. No fim do século petições circulariam, julgamentos seriam feitos para reabilitar as vítimas e restituir aos descendentes seus bens e sua honra. Nunca serei uma dessas. Condenada para sempre, Tituba! Nenhuma, nenhuma biografia atenta e inspiradora, recriando a minha vida e seus tormentos. E esse futuro injusto me revolta! Era mais cruel que a morte! (CONDÉ, 2022, p. 163).

As palavras de Tituba, mesmo que por meio da imaginação de Condé, apontam para essa ferida, para o apagamento sistemático da população negra. Assim como em *Kindred* (2019), há uma ressignificação de um momento histórico para tornar visível o que, por muito tempo, foi posto como invisível propositalmente. Trazendo o passado para o presente, isto é, recontando acontecimentos e vivências anteriores, com o intuito de rebater todas as formas de consciência criadas e perpetuadas por meio de estereótipos, esses validados por uma pseudociência. Em outras palavras, a construção de uma memória negra, de uma imagem negra na literatura é necessária para expor os absurdos reverberados ao longo dos séculos sobre as pessoas que estão à margem. As epistemologias negras estão ocupando seus lugares de direito, que por muito lhes foram negados. Por isso a reconstrução e, até mesmo, construção da história de Tituba, se faz

como um grito em meio ao seu apagamento proposital. É uma forma de negar a manutenção da história única, da história colonial contada a partir da perspectiva do colonizador. É uma forma de recuperação dos documentos (os poucos que existem e que foram realizados na época da escravização da população negra) aliada a reformulação da história, negando a permanência da história única.

A narrativa de Condé apresenta ao leitor uma nova perspectiva da história dos julgamentos das mulheres de Salem, do julgamento de Tituba e de sua vida.

Conclusão

As obras abordadas ao longo deste trabalho remetem a obras de ficção que constroem uma nova memória a partir de lacunas presentes na história – uma nova perspectiva, revisitando, tomando para si o que lhes foi tomado, o espaço na própria história.

É válido olhar criticamente para as construções de novas narrativas e pensar como elas afetam tanto a construção de um imaginário negro, construído a partir da perspectiva e experiências negras, assim como repensar a história. Isso auxilia na formação de um tipo de luta acerca da verdade e da justiça, possibilitando, dessa forma, a alteração do presente das pessoas negras ao relacionar o presente ao passado na construção de uma contramemória; indo de embate com a história contada pelo colonizador. É uma forma de política social, pois repensa de forma crítica a atual conjuntura da qual a imagem do negro foi construída, e a partir disso faz uma análise crítica desse imaginário social, e o desconstrói. Sendo a literatura um desses meios de luta; o negro toma o lugar de sujeito tanto na posição de escritora/escritor, como de personagem, protagonista de sua história.

Sadiya Hartmann (2020) trata sobre a delicadeza que é essa memória, pois por vezes deve-se ter uma atenção ao escrever uma história, ou recontar algo que possui poucos dados históricos (como Condé trabalha), porque a violência pode ser perpetuada na construção da narrativa. Ou seja, o que Hartman aborda é a necessidade de tratar de assuntos relacionados a construção de uma nova memória, uma contramemória, que requer uma delicadeza no olhar, na escrita e no desenvolvimento do trabalho para que

não se perpetue a violência até então imposta a esses corpos negros; que foram silenciados ao longo da história contada e escrita pelos colonizadores, “erradicada pelos protocolos de disciplinas intelectuais” (HARTMAN, 2020). Isso significa dizer que as obras destacadas neste trabalho não buscam desenvolver narrativas apenas por construir uma outra história de fantasia e romance, e sim repensar a história e contá-la a partir da perspectiva, vivências, olhares e histórias das pessoas negras.

Não se resume a recuperar vidas de pessoas mortas ou redimir os mortos; e sim a construção de um quadro que abrange mais a vida dessas pessoas. A história da escravidão (seus documentos) em sua grande maioria são construídos pelo opressor (HARTMAN, 2020).

Pois a formação de uma memória negra é importante para a construção da narrativa da história, com o intuito de romper e ao mesmo tempo agregar com novos discursos e documentos. É a concretização e expansão de epistemologias negras, possibilitando novos estudos, análises, debates acerca das condições históricas das pessoas negras através da percepção de pesquisadores, escritores, estudiosos negros (SILVA, 2021, p.109). Por isso a necessidade da construção de uma memória no lugar de uma consciência, pois esse é o espaço que abriga o desconhecimento e está presente em um discurso ideológico (GONZALEZ. 2020). Nesses termos, a memória é a possibilidade de tomar espaços antes negados à população negra, reverberando a memória negra com o intuito de produzir conhecimento e identificação. Nesse segmento se apresenta a importância da construção de uma nova narrativa em âmbitos que ultrapassam o acadêmico, construções de memórias a partir de fantasias, ficções científicas e romances são aspectos importantes na formação do imaginário. E também na repercussão de mais livros escritos por pessoas negras, com contextos e personagens negros; possibilitando a construção e formação de epistemologias negras, ou seja, de uma memória negra.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRIGHETTO, Aline. Discurso e poder: considerações a partir da lógica colonial. **Anais do 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede**, Rio Grande do Sul, 2017

BORBA, Camile Fernandes. **Kindred- laços de sangue de Octavia Butler**: uma ode à memória sob o manto da ficção. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil, 2021

BUTLER, Octavia. **Kindred**: Laços de Sangue. 1 ed. São Paulo: Morro Branco, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salem**. 10 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. A ideologia imperialista na literatura colonial inglesa. **Revista de Humanidades**, Rio Grande do Norte, v. 09, n.24, n.p., 2008.

EVARISTO, Conceição. Prefácio, In: CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salem**. 10 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p.07-13, 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em Dois Atos. Tradução de Fernanda Silva e Sousa e Marcelo R. S. Ribeiro. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n.3, p. 12-33, 2020

HURSTON, Zora Neale. O que os editores brancos não publicarão. **Ayé: Revista de Antropologia**, v. 1, n. 1, p.102-111. 2019

HOOKS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Traduzido por Stephanie Borges. São Paulo, editora: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SANTANA, Mônica de Lourdes. Chimamanda Ngozi Adichie e os deslocamentos identitários. **Revista Jornalismo e cidadania, Pernambuco**, s.v., n.45, p.27-29, 2022.

SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da Silva; REIS, Maria da Conceição dos (org.). **As práticas educativas da formação e ação dos grupos de estudos étnico-raciais**. Pernambuco: Editora UFPE, 2021.